

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA ESCOLA DE EDUCAÇÃO BÁSICA FREDERICO FENDRICH NO MUNICÍPIO DE SÃO BENTO DO SUL, SC.¹

*Aluizio Marcos Souza²
Maristela Povaluk³*

Resumo: A pesquisa foi desenvolvida na Escola de Educação Básica Frederico Fendrich no bairro de Serra Alta do município de São Bento do Sul, SC, tendo como finalidade verificar com os alunos, como está sendo trabalhada a Educação Ambiental no Ensino Médio, verificando também o conhecimento que possuem sobre o assunto e como recebem na referida escola. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo, para buscar informações sobre o objeto de estudo. A presente pesquisa foi realizada na referida escola através de verificação "*in loco*", onde foram aplicados questionários, aos alunos, com perguntas objetivas, respondidas por 58 alunos. Após a aplicação do questionário, foi realizada a fase da análise dos dados obtidos durante a pesquisa. Através desta, constatou-se que na medida do possível a temática Educação Ambiental é trabalhada de forma significativa pelos professores e que os alunos dessa escola se interessam e consideram importante o tema meio ambiente, considerando que este, deve ser abordado com frequência pelos professores. Constatou-se que, muitas são as necessidades de aprofundamento teórico do tema e de aperfeiçoamento do trabalho em si, principalmente em seus aspectos mais aplicados. Verificou-se ainda que a Educação Ambiental desperta interesse nos alunos e que estes, em grande parte, buscam com seriedade fazer sua parte e colaboram para uma melhoria das condições ambientais vivenciadas hoje por todos.

Palavras-chave: Educação Ambiental. Interdisciplinaridade. Escola.

Abstract :The research was developed at the Elementary School "Frederico Fendrich" at the Serra Alta, neighbourhood in São Bento do Sul, SC, in order to check with the students how is the Environmental Education being studied and how is the level of knowledge about the issue and how this is informed or transferred to the students. The methodology was bibliographic research and through interview to find out the datas on this issue. The verification "*in loco*" was made by a questionnaire answered by 58 students with objective questions. After receiving the answers, the datas were analyzed and it was possible to confirm that the theme Environmental Education is studied significantly by the teachers and the students consider the theme important. There are many needs to go deeper on theme and it needs to be improved. Another aspect that was noticed is that the students are seriously interested in learning about the Environmental issues and they try to do their jobs in order to improve the Environment around them today.

Key words: Environmental Education. Interdisciplinarity. School.

INTRODUÇÃO

A Educação Ambiental, segundo a lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999, é um componente essencial e permanente da educação Nacional, devendo estar presente em todos os níveis e modalidades do processo educativo formal e não-formal. Por seu caráter humanista, holístico, interdisciplinar e participativo a Educação Ambiental pode contribuir muito para renovar o processo educativo, trazendo a permanente avaliação crítica, a adequação dos conteúdos à realidade local e o envolvimento dos educandos em ações concretas de transformação desta realidade. Para realmente abordar estes princípios e atingir seus objetivos a Educação Ambiental precisa de uma ampla gama de métodos e do preparo dos educadores neste sentido.

A Educação Ambiental como instrumento de sustentabilidade do planeta, tem sido alvo de cursos, debates, estudos, pesquisas e de muito marketing devido a sua essencial contribuição nas diretrizes de desenvolvimento da sociedade contemporânea e principalmente em função da sustentabilidade de todas as formas de vida. A reflexão crítica promovida pela educação sobre a problemática ambiental cumprirá seu objetivo se o resultado for agregado ao dia a dia da sociedade, mudando hábitos e comportamento.

A Educação Ambiental (EA) vem sendo incorporada como uma prática inovadora em diferentes âmbitos. Neste sentido, destacasse tanto sua internalização como objeto de políticas públicas de educação e de meio ambiente em âmbito nacional, quanto sua incorporação num âmbito mais capilarizado, como mediação educativa, por um amplo conjunto de práticas de desenvolvimento social.

Uma vez identificada a entrada da EA como parte dos processos de transição ambiental e suas inúmeras interfaces com diferentes campos de ação da extensão rural, cabe abrir um debate sobre as modalidades desta prática educativa, suas orientações pedagógicas e suas consequências como mediação apropriada para o projeto de mudança social e ambiental no qual esta vem sendo acionada. Em primeiro lugar, caberia perguntar: existe uma educação ambiental ou várias? Será que todos os que estão fazendo educação ambiental comungam de princípios pedagógicos e de um ideário ambiental comuns? A observação destas práticas facilmente mostrará um universo extremamente heterogêneo no qual, para além de um primeiro consenso em torno da valorização da natureza como um bem, há uma grande variação das intencionalidades socioeducativas, metodologias pedagógicas e compreensões acerca do que seja a mudança ambiental desejada.

Neste sentido, a EA é um conceito que, como outros da "família ambiental", sofre de grande imprecisão e generalização. O problema dos conceitos vagos é que acabam sustentando certos equívocos e, neste caso, o principal deles é supor uma convergência tanto da visão de mundo quanto das opções pedagógicas que informam o variado conjunto de práticas que se denominam de educação ambiental.

O presente artigo revela a importância da Educação Ambiental no Ensino através da necessidade apresentada pelos alunos envolvidos que demonstram, com clareza, que se importam sim, e muito, pelas questões ambientais. E, mesmo sem muito preparo, os professores de diversas áreas de ensino, estão sempre disponibilizando aos alunos informações relevantes sobre o assunto em sala de aula.

O AMBIENTAL COMO QUALIFICADOR DA EDUCAÇÃO

Uma primeira questão diz respeito ao significado do ambiental como qualificador da educação. Outras correntes pedagógicas antes da Educação Ambiental também se preocuparam em contextualizar os sujeitos no seu entorno histórico, social e natural. Trabalhos de campo, estudos do meio, temas geradores, aulas ao ar livre, não são atividades inéditas na educação. Estes recursos educativos, tomados cada um por si, não são estranhos às metodologias consagradas na educação como aquelas inspiradas em Paulo Freire e Piaget, entre outras. Assim, qual seria o diferencial da educação ambiental? O que ela nos traz de novo que justifique identificá-la como uma nova prática educativa?

Poderíamos dizer, numa primeira consideração, que o novo de uma EA realmente transformadora, ou seja, daquela EA que vá além da reedição pura e simples daquelas práticas já utilizadas tradicionalmente na educação, tem a ver com o modo como esta EA revisita esse conjunto de atividades pedagógicas, reatualizando-se dentro de um novo horizonte epistemológico em que o ambiental é pensado como sistema complexo de relações e interações da base natural e social e, sobretudo, definido pelos modos de sua apropriação pelos diversos grupos, populações e interesses sociais, políticos e culturais que aí se estabelecem. O foco de uma educação dentro do novo paradigma ambiental, portanto, tenderia a compreender, para além de um ecossistema natural, um espaço de relações socioambientais historicamente configurado e dinamicamente movido pelas tensões e conflitos sociais.

De todo modo, a construção de um nexos entre educação e meio ambiente, capaz de gerar um campo conceitual teórico-metodológico que abrigue diferentes propostas de EAs, só pode ser entendida à luz do contexto histórico que o torna possível. Afinal, não podemos compreender as práticas educativas como realidades autônomas, pois elas só fazem sentido a partir dos modos como se associam aos cenários sociais e históricos mais amplos constituindo-se em projetos pedagógicos políticos datados e intencionados.

Desta forma, a emergência de um conjunto de práticas educativas nomeadas como EA e a identidade de um profissional a ela associada, o educador ambiental, só podem ser entendidos como desdobramentos que fazem parte da constituição de um campo ambiental no Brasil, a partir do qual a questão ambiental tem se constituído como catalisadora de um possível novo pacto societário sustentável.

De acordo com Baeta *et al* (2002,p. 69):

A Educação Ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais, individuais e coletivos no ambiente.

Assim, o qualificador ambiental surge como uma nova ênfase para a educação, ganhando legitimidade dentro deste processo histórico como sinalizador da exigência de respostas educativas a este desafio contemporâneo de repensar as relações entre sociedade e natureza. Contudo, considerando a assimetria das relações de força que estão definindo as transformações sociais e econômicas em curso, é importante destacar que a dinâmica deste campo é a da disputa pelas interpretações sobre conceitos-chave como "ambiental" ou "sustentabilidade". A verdade é que ainda estamos longe de chegar a um acordo sobre as chances de uma nova aliança sustentável ou um contrato natural, como o chamou Serres (1991), baseada na justiça e na equidade entre a sociedade e a natureza.

Talvez estejamos no momento de, justamente, disputar este projeto discutindo sobre que bases a reconversão em direção a uma ordem sustentável deveria se dar. A EA, como parte deste contexto vai,

portanto, transitar na esfera das relações conflitantes das diferentes orientações políticas e pedagógicas, sendo afetada pelos diferentes projetos político-pedagógicos em disputa.

A EDUCAÇÃO: ESSA É A SOLUÇÃO OU O PROBLEMA?

O nosso país é um dos campeões na desigualdade social no mundo e essa "conquista" reflete bem a realidade nacional. A nossa sociedade carece cada vez mais de oportunidades. Ela necessita de chances nos campos do trabalho, da economia, da saúde e da educação. E a ordem de importância desses itens para boa parte das pessoas, dependerá da sua posição e situação social no momento; da sua realidade.

Esta sociedade dita moderna, que cresceu ainda mais, com o avanço de técnicas e das máquinas no século XVIII, na era industrial, já demonstrava para o mundo um distanciamento entre as pessoas da época. As classes sociais se definiam em duas, a do proletário e o patrão, o rico e o pobre, ou seja, aquele que detinha as máquinas para o trabalho e outro que só tinha a força de trabalho para vender. Isto posto, na história da humanidade, revela ou, pelo menos demonstra que o problema estava nas relações sociais estabelecidas na época. E não mudaram, até hoje, entende-se que estão mais fortes e que isso vai implicar na busca cada vez maior dos recursos naturais, no surgimento e o agravamento da problemática ambiental, na perda da qualidade de vida, em nome do aspecto econômico que favorece poucos.

A nossa sociedade precisa entender que o planeta tem limites estabelecidos, antes mesmo do surgimento do homem. As leis naturais precisam ser levadas em consideração. Evidentemente que, a utilização dos recursos naturais não será cessada e ou diminuída se, houver uma substituição do sistema econômico vigente; e não é esse o problema maior. De nada adiantará, se a forma de pensamento dos agentes sociais não sofrer também uma mudança. Segundo Santos, citado por Bortolozzi; Perez Filho, (1994, p.42):

Mudar o modelo econômico, ou o modelo político, tal como é praticado, de nada valerá se um novo modelo cívico não se instala. [...] A sociedade é mais que economia. A sociedade também é ideologia, cultura, religião, instituições e organizações, formais e informais, território, todas essas entidades como forças ativas. [...] A interferência das demais entidades que formam o corpo da nação, corrige ou deforma ou simplesmente modifica as intenções do planejamento econômico, sobrepondo-lhe a realidade social.

Diante do exposto, fica claro a necessidade da transformação social e política e que essa, se converta em mudanças, principalmente, de pensamentos. E para essa transformação, a educação é o primeiro passo na busca de uma consciência sócio-ambiental mais holística. A educação é parte da solução e também do problema no nosso país. De acordo com Soffiati (2002), a educação, em seu sentido mais amplo, enfrenta acentuados problemas de qualidade e não alcançou patamares desejáveis de democratização. Isto pode ser exemplificado pelos altos índices de analfabetismo, crianças fora das escolas, escolas estrutural e pedagogicamente falidas etc. Esses são alguns exemplos, de um país que trata a educação como custo e não como investimento.

Os poucos programas educacionais, não atingem grande parte da população que, prioritariamente, está interessada em arrumar emprego e garantir o seu sustento e de sua família. Como fazer essas pessoas pensarem no ambiental de barriga vazia? Como falar em meio ambiente com o nordestino que vive no semi-árido? Nem todos os profissionais que trabalham com a área estão qualificados. Os investimentos na educação são pequenos, extraviados, e não chegam ao seu destino.

Dessa forma, todo o conhecimento sobre os limites naturais, maneiras de aproveitamento dos recursos e os cuidados com os seus resíduos necessitam de uma nova consciência e ações para a -reconstrução de um novo ambiente. A população deve ter garantido o direito de ter a sua qualidade de

vida de acordo com suas necessidades e anseios e não, por um tipo de vida mercadológica e modista "vendida" pelos meios de comunicação. E essa escolha, a população só poderá fazer quando realmente tiver acesso à educação digna com informação de qualidade que contribua para a formação de uma opinião crítica e consciente.

O processo educacional necessita levar em conta as peculiaridades dos diversos locais do país. A princípio, a falta da educação, é um problema real na sociedade brasileira e sendo assim, fica complicado para que o povo se adapte as novas tecnologias, ao novo conhecimento e assim, ainda se sentir incluído dentro do sistema de seu país. Essa falta da educação alimenta a distância que separa as classes sociais e elimina a esperança, de quem tem nela, um motivo a mais para mudar. Então o papel da educação, no seu sentido mais amplo, mostra-se imprescindível na busca de uma sociedade mais consciente, mais cidadã; agindo de tal maneira que leve o ser humano a exercer o seu real papel na sua comunidade. Para essa educação, na opinião de Bortolozzi e Perez Filho (1994) não deve ser vista como mera reprodutora do saber historicamente acumulado, numa visão cartesiana onde o homem, considerado cultura e, portanto superior, se separou da natureza para melhor destruí-la. A educação e, sobretudo a ambiental deve ser mais prática, crítica e deixar de ser aquela em que, os educadores se aplicam a somente sensibilizar o outro aos problemas ambientais, não dando alternativas a novas formas pensamento do aproveitamento dos recursos naturais.

A ação educacional no campo e na cidade deve pautar-se não só no alarme, mas, em ações mitigadoras para os problemas desencadeados, que faça as pessoas pensarem, questionarem essas intervenções, e a produzir um novo conhecimento. Essa ação, não deve aumentar as distâncias e sim, aproximar as pessoas a um ambiente mais equilibrado.

A dinâmica social construída ao longo do tempo proporcionou o desenvolvimento de tecnologias que possibilitaram uma "melhor" maneira de exploração dos recursos naturais, que provocou um isolamento entre anseios econômicos, limiar ambiental e ações educativas. Com essa preocupação, outros pesquisadores demonstravam-se alertas para essa conjectura, baseados nos fatos que ocorreram no pretérito; no progresso técnico-científico originado no século XVIII e que vem se fortalecendo e sem demonstrar uma visão muito otimista.

Os frutos da Revolução industrial se manifestam no século XIX pela aceleração brusca do uso da energia, do consumo de alimentos e de matérias- primas, da urbanização e do crescimento da população. O homem passa a acreditar que a Natureza está a seu inteiro dispor e lança mão de seus recursos para desfrutar um nível de vida nunca dantes imaginado (SIEGLER, 1992, p.107-108).

Outro pesquisador reforça o supracitado salientando que:

O acréscimo do conhecimento técnico-científico dos séculos XVIII, XIX e XX possibilitado pelo capitalismo colocou definitivamente os interesses das sociedades humanas de um lado e a preservação da natureza de outro. Até a década de 70 deste século, não havia no mundo a menor preocupação com as questões ambientais ou ecológicas, a não ser nas universidades, onde o assunto era tratado cientificamente. (ROSS, 1995, p.213).

Então, fica complicado entender o progresso de uma sociedade que só pensa e age em cima de uma perspectiva exploradora dos recursos naturais, sem demonstrar uma preocupação mais efetiva e menos lúdica com a Natureza, pois, os problemas decorrentes são reais e podem deixar cicatrizes na sociedade.

A educação ambiental tem de se mostrar como uma alternativa a isso tudo. Não somente pelo desejo de equilíbrio na relação homem e natureza, mas, na inserção social que ela pode e deve fazer aos indivíduos em questão; demonstrando a importância de todos na relação de interdependência que existe dentro desse grande sistema Terra.

A EDUCAÇÃO AMBIENTAL: O QUÊ DEVE SER?

A problemática existente com essa questão socioambiental tem o seu pilar mestre no processo educacional e na forma como ele é conduzido dentro dos ambientes escolares. A visão compartimentada da educação ambiental, a pouca integração entre outras ciências, a própria disciplina curricular nas escolas, faz com que o aluno não se desperte para o seu papel de cidadão.

Dessa forma, não caminha para uma definição sobre o real papel da educação ambiental (EA) até porquê, poderia se cometer o erro de compartimentar a EA e tentar colocá-la como unânime e transferível para toda a realidade. No entanto, como é importante ter um ponto de partida para se chegar a um objetivo, a definição seguinte reflete a maneira de como deve ser vista e praticada a educação ambiental no país.

A Educação Ambiental é uma práxis educativa e social que tem por finalidade a construção de valores, conceitos, habilidades e atitudes que possibilitem o entendimento da realidade de vida e a atuação lúcida e responsável de atores sociais individuais e coletivos no ambiente. Nesse sentido, contribui para a tentativa de implementação de um padrão civilizacional e societário distinto do vigente, pautado numa nova ética da relação sociedade-natureza (LOUREIRO, 2002, p.69).

A educação e em especial ambiental, não tem que ser o único meio para se atingir a transformação no pensamento e nas relações sociais vigentes, mas, nem deve ser jogada para segundo plano sem o devido reconhecimento. A sua função ultrapassa as barreiras dos currículos escolares disciplinados em conteúdos, muitas vezes sem ligação; deve transpor a distância social, adequando-se a realidade local, as necessidades e diferenças. Não é um trabalho fácil, por isso requer empenho, disciplina, dedicação, envolvimento e muita paciência, mas, é assim que a educação caminha, lenta, mas contínua. A educação ambiental não vai dar contribuições concretas como, dar vacinas ou construir redes de esgotos (GRYNSZPAN, 1999). A sua missão é outra, atuar no subjetivo, no imaginário e no lúdico para refletir em ações na realidade da sociedade.

Ela é fundamental para o enfrentamento das questões da vida através da formação de sujeitos críticos. Etimologicamente significa propiciar o florescimento de algo que já está dentro da pessoa e não encher de conhecimentos um recipiente vazio. Por isso é dada ênfase às representações e a estratégia. (GRYNSZPAN, 1999, p.137).

E em se falando da estratégia, a educação ambiental tem de ser comungada nos ambientes escolares das cidades, pois, lá estão os agentes que atuam e vão atuar no espaço geográfico. O desenvolvimento de projetos locais, a princípio, pode ser uma alternativa para iniciar a busca de soluções para os problemas intrínsecos e às vezes distintos dos bairros de uma cidade. Setorizar e identificar os problemas pode ser o início do caminho a ser percorrido.

A comunidade, junto com a escola, deve constituir conselhos formados por integrantes da própria comunidade, escola (alunos e professores) empresários locais (se houver), líderes de bairros, representantes do poder público, ou seja, todos aqueles envolvidos de alguma maneira com o bairro para, assim, estabelecer ações norteadoras dos problemas locais. A educação ambiental não envolve, somente, ações designadas à natureza, mas, sim, práticas que viabilizem uma melhor qualidade de vida para a sociedade envolvida, no entanto, se faz necessário o envolvimento de pessoas empenhadas em objetivo único que é a qualidade de vida.

Nenhum projeto cresce com apenas ideias lançadas ao vento, um projeto deve ser pensado, construído também, por quem convive com os problemas e não somente pelos intelectuais sentados atrás de suas mesas. É necessário ir a campo para fundamentar, conhecer, observar a paisagem, as pessoas que vivem e os seus problemas.

Por isso que os projetos educacionais podem mostrar uma nova saída em busca de um ambiente mais equilibrado. Eles precisam trazer conhecimento, despertar para a necessidade de observação das ações humanas, pois, uma ação individual é capaz de desencadear consequências negativas para uma coletividade. Nesse sentido é possível realmente buscar uma sociedade mais sustentável. Enfatizando a importância do desenvolvimento de projetos voltados para a educação ambiental que pleiteiam o desenvolvimento e crescimento mais justo, Grynszpan (1999) afirma que dessa forma, enfatizamos a crença de que um projeto educativo é mais do que treinamento e conhecimento dos fatos é o estímulo à busca de novas fontes e saídas ou, ainda, o resgate de valores e posições antigas, porém frutíferas, acima de tudo, um deflagrador de uma busca de compreensão da realidade em seus diferentes níveis, do individual ao universal, da comunidade à aldeia global.

Para a constituição dos mais diversos projetos, o papel dos meios de comunicação, atualmente, são muito relevantes. A Internet, televisão, jornais e revistas podem contribuir para o maior alcance das propostas e projetos formulados para a sociedade, e apresentam-se também como ferramentas para tentar promover a sensibilização que não fique só nisso, e o envolvimento com as causas dos projetos podendo atingir longas distâncias, em um território com dimensões continentais como o Brasil, promovendo a busca de uma melhor qualidade de vida para a sociedade. Assim, Jacobi (2003), destaca que a educação ambiental assume cada vez mais uma função transformadora, na qual a co-responsabilização dos indivíduos torna-se um objetivo essencial para promover um novo tipo de desenvolvimento, o desenvolvimento sustentável.

Já Tamaio (2000) apud Jacobi (2003) diz que a educação ambiental é a condição necessária para modificar um quadro crescente de degradação socioambiental, mas ela ainda não é suficiente.

O conhecimento produzido dentro dos centros de pesquisa deve chegar com maior facilidade aos ambientes escolares, as comunidades e a outras esferas do poder público. Não compete somente a Ciências ou Geografia a responsabilidade de mudar a forma de pensamento e com isso, o relacionamento entre os atores sociais. Essa responsabilidade é de todos para todos. O papel a ser desempenhado pelas pessoas faz parte de um processo social que se constrói por ações com diferentes alcances e resultados, que por vezes, não são satisfatórios, mas nem por isso desanimadores.

Uma outra possibilidade é fazer com que os projetos de ocupação e intervenção no meio natural sejam embasados em critérios ambientais de uso conservacionista, e espaços destinados à preservação total, servindo somente as pesquisas científicas e visitas turísticas periódicas (turismo educacional). Encontrar maneiras de como intervir no espaço natural estabelecendo diagnósticos e se fazendo cumprir os prognósticos ambientais é um caminho. Como mencionado no início, este trabalho não vem à tona, para condenar esse ou aquele sistema econômico, mas, sim as atitudes humanas e as relações socioambientais decorrentes.

O importante é garantir que o uso dos recursos naturais pelo homem possa ser feito com a condição de que seja feita a inclusão social tão almejada por todos. Todos os brasileiros têm o direito a um meio ambiente sadio e de qualidade, no qual, esses tantos brasileiros possam ter condições de definir qual o seu tipo de qualidade de vida, sem ter que passar por cima de sua ideologia ou filosofia e outros valores que são inerentes a cada indivíduo.

DESENVOLVIMENTO

O presente trabalho foi realizado na Escola de Educação Básica Frederico Fendrich, no bairro Serra Alta em São Bento do Sul, SC.

Os 60 alunos foram selecionados aleatoriamente entre as três turmas de Ia, 2a e 3a séries do ensino médio com idade entre 15 e 17 anos.

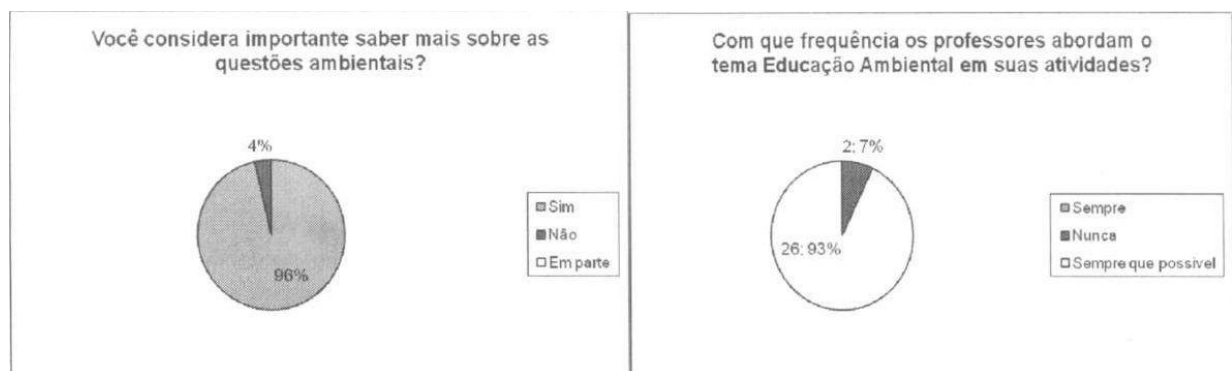
A pesquisa caracterizou-se como bibliográfica e de campo, através de questionários, para obter informações sobre a Educação Ambiental na referida escola. Foram aplicados os questionários para os alunos do ensino médio, onde constavam 10 perguntas sendo todas objetivas, mas algumas com pedido de justificativa para as respostas escolhidas. Essas perguntas se referiam de um modo geral sobre as questões ambientais como, por exemplo: Sua importância, como ela é abordada na escola, quais atividades seriam mais viáveis para tratar do assunto, quais problemas cada entrevistado considera mais grave na cidade, etc. O período da pesquisa foi durante o mês de novembro de 2009.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 60 questionários distribuídos, 58 retornaram sendo esses respondidos por 24 alunos do sexo masculino e 32 do sexo feminino. Desses, vinte e seis possuem 15 anos, vinte alunos têm 16 anos, seis com idade de 17 anos e quatro não responderam a idade.

Sobre a questão "Você considera importante saber mais sobre as questões ambientais?" 96% das respostas foram "sim" contra apenas 4% que responderam "não". Consideravelmente, o resultado demonstra que o assunto é sim de grande importância segundo a maioria dos adolescentes que justificaram, de igual forma, dizendo que é um tema que faz parte da vida de todos os seres vivos, assim, todos dependem disso.

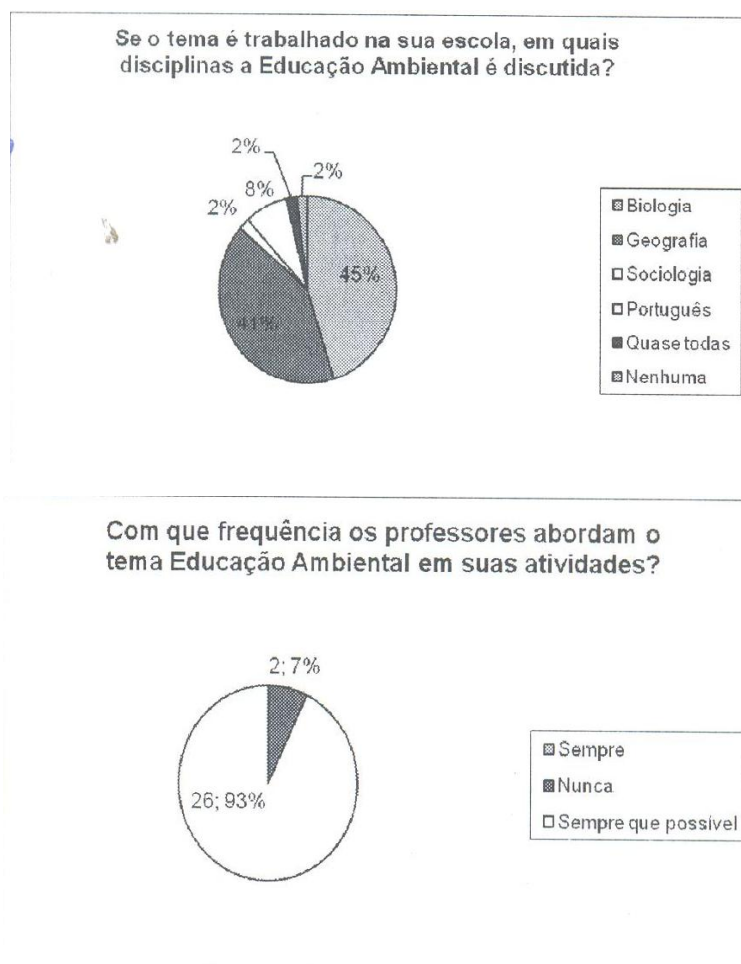
Foi questionada ainda a frequência com que os professores abordam o tema Educação Ambiental (EA) em sala de aula. Dessa questão, obteve-se 93% das respostas dizendo que o assunto é trabalhado sempre que possível, com a justificativa, em 90% dos casos da falta de tempo devido os conteúdos programáticos que devem ser trabalhados durante o ano letivo, o restante apresentou a justificativa de não existir um preparo em todos os professores para que possam trabalhar Educação Ambiental interdisciplinarmente, com a exceção de dois alunos os quais disseram que nunca se trabalha esse assunto na sala.



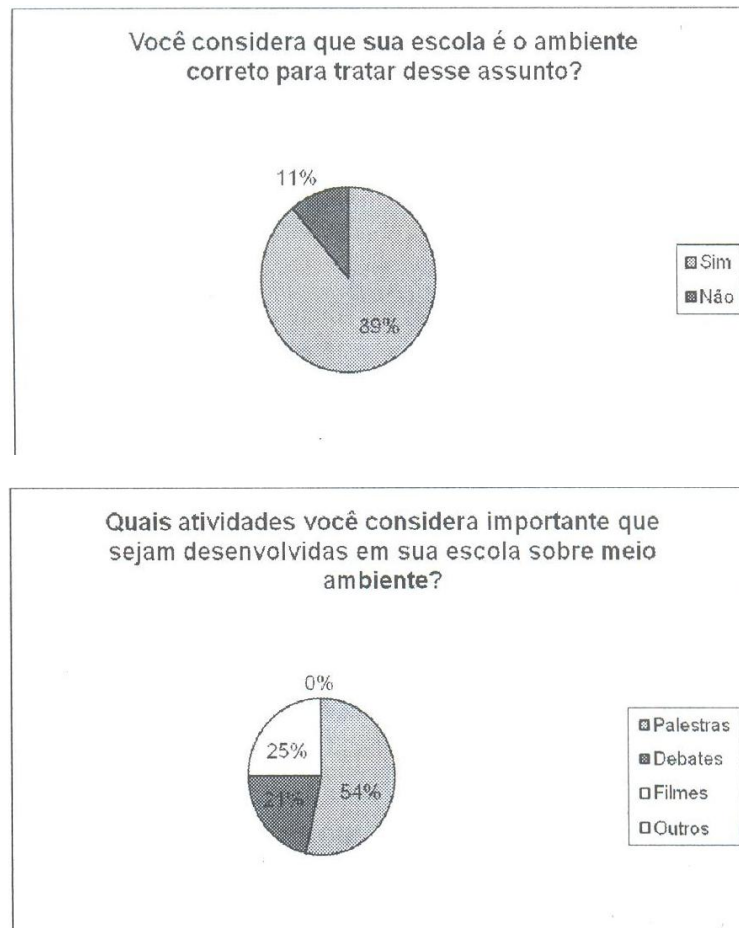
Fontes Do pesquisador, 2009

Um ponto importante da pesquisa, foi a questão número três que perguntava em quais disciplinas a Educação Ambiental é discutida na escola. 2% responderam que em quase todas, 2% disseram ser em Sociologia, 2% alegam não ser trabalhado esse assunto em nenhuma disciplina, 8% dizem trabalhar em Português, 41% dizem que é assunto de Geografia e, como esperado, mesmo contra os verdadeiros princípios da Educação Ambiental, 45% dizem ter Educação Ambiental em Biologia.

Perante essas respostas, evidenciou-se que mesmo sendo um assunto de fácil interdisciplinaridade, ainda fica sendo um assunto de responsabilidade das disciplinas de Ciências e da Biologia. Seguindo essa questão, ainda foi perguntado que tipo de atividades é realizado sobre esse tema e obtiveram-se as seguintes respostas: 6% dos entrevistados dizem ser feito em forma de debates, 6% optaram pela alternativa "outros" justificando com desenhos e maquetes, 28% relatam que o assunto é trabalhado em forma de textos, leituras, etc. e por fim, 60% ficaram com a alternativa "vídeos". Percebe-se que os vídeos ainda são um recurso muito aproveitado em sala de aula e com certeza, são sim muito importantes e de fácil compreensão. Uma forma atrativa de aula, saindo da rotina, mas que requer um bom planejamento e que realmente atinja os objetivos propostos para que não se torne uma prática repetitiva e taxada de "enrolação" ou simplesmente perda de tempo.

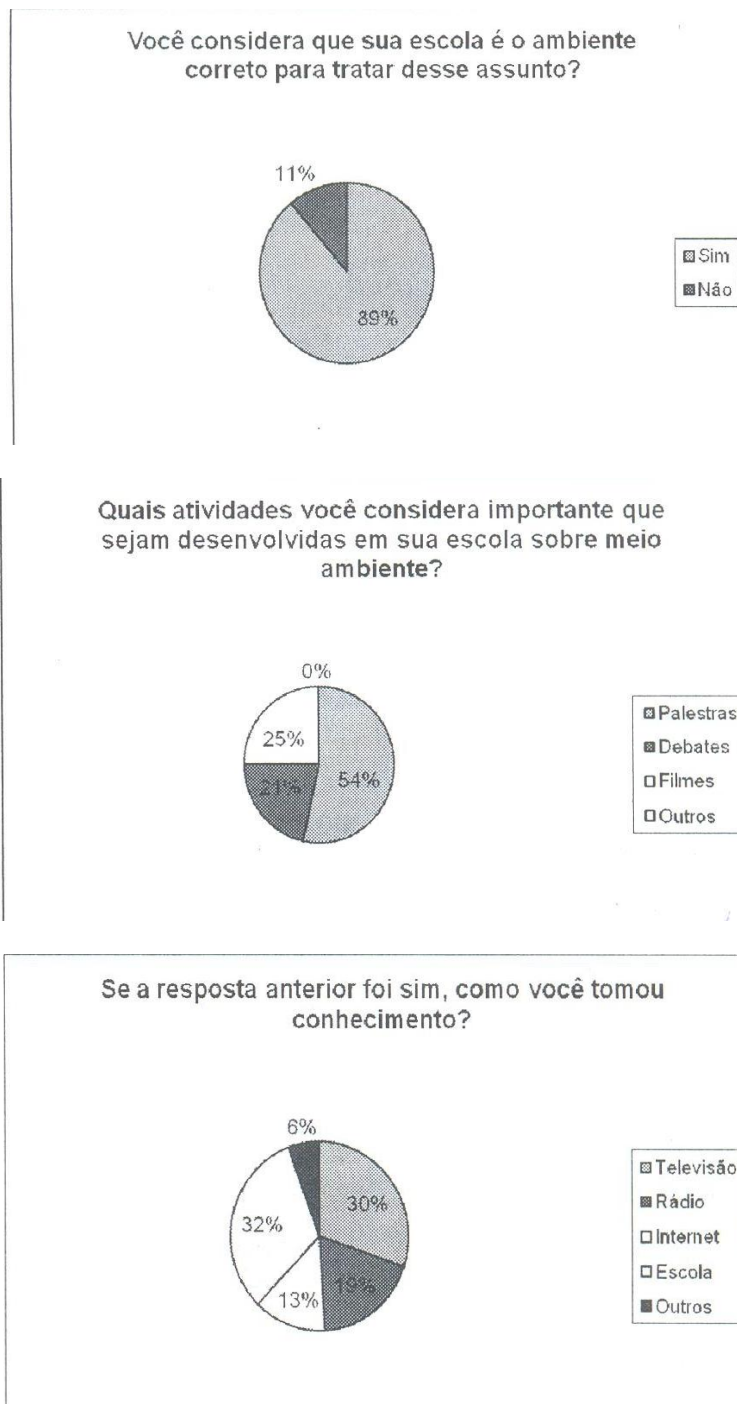


Ainda sobre a temática "importância", cinquenta e seis alunos dizem que Educação Ambiental na escola é fundamental, e deve ainda acontecer em todo lugar. Como a escola tem função educadora, a EA deve ser levada a sério e trabalhada constantemente. Apenas dois alunos afirmaram que EA não deve ser trabalhada em sala de aula já que ocorre constantemente fora dela, mesmo considerando sua grande importância, o tempo na escola deve ser destinado á outras questões. Um outro ponto foi a questão que trata se EA é assunto da escola, onde 48 alunos disseram que sim, isso é com certeza assunto para ser tratado na escola, 6 alunos disseram que não e 2 alunos não responderam a questão. Com base nesses resultados entende-se que quase todos os alunos estão cientes da importância de educar-se perante as necessidades ambientais bem como a relação e dependência que temos com a natureza precisando preservar e cuidar de um bem não é apenas de alguns, mas do conjunto de toda forma de vida existente na Terra.



Quando foi solicitado para que os alunos dissessem quais atividades eles acham que melhor seria para tratar de Educação Ambiental obteve-se, numa maioria, com 54% das respostas as "palestras", 25% "filmes" e 21% acham que "debates" são os mais adequados. Ninguém optou por outras formas. Aqui percebe-se que não existe diversificação para trabalhar essas questões com os alunos. Fica a ideia da mesmice. É claro que toda forma é interessante desde que bem objetivada, mas a ideia nessa questão era saber se existe inovação dentre essas atividades e pelo comprovado nenhum aluno relatou alguma outra ideia.

Quando a pergunta aprofundou-se sobre o conhecimento que os adolescentes têm sobre os problemas ambientais do município onde residem, 52 alunos disseram conhecer contra apenas 6 alegam não estarem por dentro dessas informações. Dos 89% dos alunos que disseram sim, 32% afirmaram saber através da escola, 30% televisão, 19% rádio, 13% internet e 6% relatam saber por outros meios como jornais, amigos, etc



Quando foi questionado sobre qual dos problemas ambientais eles consideram o mais grave, podendo assinalar mais de uma resposta, obteve-se um total de 46 respostas para a água (poluição de rios e lençóis freáticos, esgotos, agrotóxicos e desperdício), 8 respostas para a poluição do ar (veículos e indústrias), 6 assinaladas para o lixo (destinação inadequada), 5 optaram pelo desmatamento (reflorestamento homogêneo = desertos verdes), 2 marcaram no saneamento básico, 2 na energia elétrica (desperdício ou uso irracional), 1 elegeram o solo (contaminação por dejetos de suínos e agro-químicos) e 1 aluno considera todos os problemas relativamente graves.

O desafio é grande e envolve adversários poderosos, movidos por interesses que pouco tem contribuído para a proteção dos recursos naturais. Mas o que está em jogo é, antes de tudo, a vida do

planeta, de seus habitantes e o que podemos fazer. Por isso é urgente a mobilização de todos para salvar a biodiversidade, da qual todos dependem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O surgimento da Educação Ambiental como método de ensino está diretamente relacionado ao movimento ambientalista, pois é produto de muitas discussões a respeito da conscientização sobre a problemática ambiental, que sendo bem difundida irá tratar de assuntos relevantes como: direitos e deveres do cidadão, principais doenças provenientes do lixo, importância da coleta do lixo para a saúde e para o meio ambiente, tratamentos de água e esgotos, melhoria da qualidade de vida da população, coleta seletiva e reciclagem como fonte de renda, Agenda 21, etc.

Constatou-se, que a Educação Ambiental vem sendo trabalhada na medida do possível, pelos professores das escolas estaduais de São Bento do Sul, e que os discentes consideram importante às atividades voltadas a esse tema. Evidenciou-se ainda que o assunto ainda seja deixado para a maior responsabilidade das disciplinas de Ciências e Biologia, mas que, outras áreas já estão fazendo uso, através de diversos recursos, dos temas Ambientais. Constatou-se também, que ainda existem muitas necessidades de aperfeiçoamento sobre o tema, principalmente em seus métodos de aplicabilidade, mas que os entrevistados têm consciência da importância das atividades e que a escola é sim, grande responsável por esse tipo de informação. Entre estas necessidades, destaca-se a importância de investimentos na formação contínua de professores, para que as sugestões e diretrizes contidas nos PCNs sejam aplicadas com eficiência, dentro e fora das salas de aula, contribuindo assim para a formação de um cidadão pensante e capaz de modificar seu meio através da melhoria, ou seja, pensando no bem comum.

O educador ambiental deverá procurar apoio dos líderes da comunidade no desenvolvimento de seu trabalho, solicitando a colaboração de políticos, autoridades públicas, professores e líderes de bairros e imprensa, por exemplo. A participação e o exercício da cidadania, com empenho e responsabilidade, são fundamentais na construção de uma nova sociedade mais justa e em harmonia com o ambiente. Para isto, evidenciou-se que é urgente e necessário descobrir novas formas de organizar as relações entre sociedade e natureza e também um novo estilo de vida que respeite todos os seres vivos.

A pesquisa sugere inserção da transversalidade da Educação Ambiental no ensino médio, aproveitando ainda a praticidade das palestras e dos debates. Através dos relatos sentiu-se a necessidade dos cursos de aperfeiçoamento na área de Educação Ambiental, para os professores, principalmente para os que lecionam outras áreas de ensino fora das ciências naturais. Como a problemática gira em torno dos problemas ambientais, constatou-se ainda que os meios de comunicação, além da escola, são importantes quanto à informação dos alunos sobre o tema discutido e que a maioria deles estão ciente quanto aos tipos de problemas que afetam o seu município.

Os problemas ambientais no Brasil estão relacionados ao complexo quadro de crise geral e a falta de uma política quanto ao planejamento da utilização dos recursos naturais, o qual tem gerado a sua utilização irracional com algumas perdas irreversíveis, induzindo a importantes implicações econômicas devido à degradação ambiental. Isso ocorre, na maioria das vezes, devido à visão reducionista dos governos, que cuidam dos fatores ar, água, solo, fauna e flora separadamente. Esta política é traduzida na organização burocrática na quais órgãos, ministérios, secretarias e autarquias, tratam a questão da mesma forma.

Assim, fica fácil entender a Educação Ambiental como tema transversal podendo sim, ser trabalhada dentro das diversas áreas do conhecimento (Matemática, Física, Educação Física, Língua Portuguesa, História, etc.) e não só de Ciências e Biologia. Considerando ainda que no Brasil, a questão ambiental vem sendo um assunto de extrema emergência a ser estudado. Este fato pode ser apreendido

tanto através da análise do ponto de vista dos problemas decorrentes da fase desenvolvimentista, como do ponto de vista da análise das condições de vida nas cidades e no campo, produzida pela crise atual sócio-política e econômica. Os problemas ambientais, no Brasil, referente à sua população (sociedade/comunidade), na maioria das vezes são analisados como se afetassem ao conjunto da população de maneira indiscriminada. Ainda que isso ocorra, se faz de suma importância destacar que seus efeitos não atingem igualmente todos os seguimentos sociais. Assim, alguns são mais imediatamente sentidos por determinados grupos, seja por sua proximidade cotidiana, ou seja, pela escassez de recursos de que estes dispõem para buscar soluções próprias. Assim, concluiu-se que mais do que nunca, é um assunto que além de trabalhado deve ser cobrado nos bancos escolares e que a partir dali, evidentemente esperam-se as melhores conclusões e obviamente resultados.

REFERÊNCIAS

BAETA, Anna Maria Bianchini *et al.* **Educação Ambiental: repensando o espaço.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002

BORTOLOZZI, A.; PEREZ FILHO, A. Educação ambiental e reconstrução da cidadania. **Revista Sociedade & Natureza**, Uberlândia, v.6. n.11 e 12, p. 41-45, jan/dez. 1994

GRYNSZPAN, D. Educação em saúde e educação ambiental: uma experiência integrada. **Cadernos de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v. 15, n.2, p. 133-138, 1999.

JACOBI, P. Educação ambiental, cidadania e sustentabilidade. **Cadernos de Pesquisa**. São Paulo, n.118, p. 189-205, mar. 2003.

LOUREIRO, C.F.B. Educação ambiental e movimentos sociais na construção da cidadania ecológica e planetária. **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez Editora, 2002, p.69-107

ROSS, J.L.S. A sociedade industrial e o ambiente. In: **Geografia do Brasil**. São Paulo: Edusp, 1995, p. 209-231.

SIEGLER, I.A. Crescimento populacional e meio ambiente. **Revista Sociedade & Natureza**. Uberlândia, v. 4, n. 7 e 8, p. 107-110, jan/dez. 1992.

SOFFIATI, A. Fundamento filosóficos e históricos para o exercício da eco cidadania e da educação. **Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania**. São Paulo: Cortez Editora, 2002, cap. 2, p.23-67.

¹ Artigo elaborado a partir da pesquisa A educação ambiental na escola de educação básica Frederico Fendrich no município de São Bento do Sul, SC. Apresentado para o curso de pós-graduação *lato sensu* em ecologia aplicada com área de concentração em gestão e análise ambiental, da Universidade do contestado- UnC, Campus universitário de Mafra, SC.

² Graduado em ciências biológicas pela universidade do contestado – UnC/Mafra e acadêmico do curso de pós-graduação em ecologia aplicada com área de concentração em gestão e análise ambiental da UnC - Universidade do Contestado, Campus Universitário De Mafra.

³ Professora Orientadora da UnC - Universidade do Contestado, Campus Universitário de Mafra. Mestre em Educação: Ensino Superior - FURB, doutoranda em Educação - PUC/PR.